

CONSIDERAÇÕES SOBRE A NATUREZA E O PAPEL DA ‘SENSAÇÃO’ (AÍSTHESIS) NA FILOSOFIA DE EPICURO

MARCOS ROBERTO DAMÁSIO DA SILVA¹

RESUMO: A “sensação” (aísthesis) é, para Epicuro e os epicuristas, o primeiro “critério da verdade” (kritériatèsaletheías) e exerce um papel inalienável em seu pensamento filosófico, ou seja, todo conhecimento parte dela e só se confirma (martýrion) por intermédio dela. Neste sentido, pode se afirmar que a sensação tem um domínio quase completo do verdadeiro, fundamentando a realidade sensível e possibilitando a postulação dos princípios do entendimento, como também, os elementos (stoichéia) primeiros: átomos e o vazio (átomoikaikenón). O presente artigo vislumbra tecer considerações importantes sobre a natureza e o papel da sensação na gnosiologia (teoria do conhecimento) epicúrea e discute como Epicuro explica a aquisição do conhecimento seguro. Para obter sucesso neste percurso, utilizar-se-á como principal fonte bibliográfica a Epístola a Heródoto preservada por Diógenes Laércio e onde sua fisiologia é apresentada de forma privilegiada.

PALAVRAS-CHAVE: Sensação. Gnosiologia. Fisiologia. Epístola a Heródoto.

ABSTRACT: “Sensation” (aisthesis) is, for Epicurus and the Epicureans, the first “criterion of truth” (kriteria tès aletheías). It plays an essential role in his philosophical thought-system, in that all knowledge is derived from “sensation” and can only be confirmed (martyrion) by it. Thus, it can be asserted that “sensation” exerts a nearly complete dominion over the truth, grounding the sensible reality, and enabling the postulation of the principles of understanding, as well as the first elements (stoichea): atoms and void (atomi kai kenón). The aim of this article is to present important reflexions on the nature and role of sensation in the Epicurean gnoseology (theory of knowledge). It also discusses Epicurus’ explanation of the means by which secure knowledge is acquired. The Epistle to Herodotus, preserved by Diogenes Laertius, where Epicurus’ physiología is presented most clearly, is the principal basis of this study.

KEY-WORDS: sensation; Gnoseology; Physiología; Epistle to Herodotus.

I

Embora seja a *Epístola a Heródoto*² (s. IV a. C.) um texto extremamente compacto do ponto de vista de uma fundamentação gnosiológica, – isto por ser pensada, pelo próprio Epicuro, como um “compêndio de toda a doutrina” (*epítoméntèshólespragmáteías*³), isto é, de uma obra maior e mais complexa intitulada

de “Sobre a Natureza” (*periphýseos*) – ainda é possível extrair dela informações que levam o leitor mais atento a afirmar que o mundo afeta constantemente o homem, fornecendo assim a possibilidade de um conhecimento assegurado de toda a realidade possível. Este conhecimento é atestado mediante processos de “emanações”

(*apórroiai*) dos átomos, que compõem todo o universo aparente e, que ao desprenderem-se dos corpos (*sóma*) lançando-se (como imagens), sem uma direção definida, por todo o “espaço vazio” (*chórakenón*). Portanto, a gnosiologia apresentada pela filosofia de Epicuro, ainda nos moldes da antiga ontologia sustentada pelos filósofos pré-socráticos, isto é, recorrendo sempre à *phýsis* como explicação da realidade, parte da natureza da sensação (*aísthesis*) como um inalienável “critério da verdade”⁴.

Desta forma, para Epicuro, os sentidos, ou seja, os cinco “órgãos sensoriais” (*toísaistheteríois*) são, antes de tudo, uma estrutura atômica complexa, um corpo (*sóma*). É esta estrutura que viabiliza toda e qualquer relação com o mundo e exerce papel fundamental e necessário em todo o seu sistema filosófico, isto é: a *canônica*, a *física* e a *sabedoria* (ou *ética*). Ora, a importância da *aísthesis* é tão pertinente em sua *canônica* (parte que nos interessa aqui) que todo conhecimento parte dela e só se “confirma” (*martýrion*) por intermédio dela. Logo, neste sentido, pode se afirmar que a sensação tem um domínio quase completo do verdadeiro, uma vez que, além de fundamentar a realidade sensível, pela “introjeção” (*eisbolé*) do que é externo a ela, é também onde o entendimento (*diánoia*) busca fundamentar seus princípios. O que leva Epicuro a afirmar:

Portanto, devemos nos ater em todo caso às nossas sensações, e particularmente às projeções presentes (em nós), [...] e do mesmo modo a nossos sentimentos existentes, para que possamos nos referir a esses sinais tanto o que aguarda confirmação como o não evidente (a percepção sensível).⁵

II

A primeira e mais importante informação sobre a faculdade da sensibilidade é fornecida pelo próprio Diógenes Laércio (s. III d. C.) no

livro X (dedicado exclusivamente a Epicuro) de sua obra *Vidas e obras dos filósofos ilustres*, onde ele se refere à sensação (*aísthesis*) como “irracional” (álogon) e incapaz de reproduzir memória (*mnémes*). Escreve Diógenes Laércio: “toda sensação é irracional e não participa da memória”⁶. Segundo Diógenes Laércio, Epicuro reivindica uma validade “objetiva” da sensação, isto é, as sensações são sempre verdadeiras, não podendo ser de outra forma porque, em última análise, toda sensação é produzida objetivamente, ou seja, independe do sujeito, tendo seu ponto de partida em algo externo ao sujeito. É desta objetividade da sensação que as afecções (*pathé*) são provocadas, dando origem às percepções sensíveis. Esta convicção é atestada no conjunto da própria obra de Epicuro, mais precisamente, podemos citar, nas *Máximas Capitais* onde ele afirma que “se te opuseres a todas as sensações [*pásaistaísaisthésesin*], não terás sequer um ponto de referência para julgar as que consideram falsas”⁷.

Dentro do processo da percepção sensível, uma dada sensação, por sua vez, pode apenas ser produzida na presença de algo (um corpo externo), mas de tal percepção nada pode ser dito ou acrescentado, a não ser que algo foi sentido, permanecendo, assim, num primeiro momento, um mecanismo de percepção não discursivo (álogon). Este mecanismo “irracional” da sensação é o que põe a relação do sujeito que percebe o mundo com o particular (*hékastos*)⁸ dado à perceber, isto é, o ente sensível percebido e, que num segundo momento, é articulado conceitualmente pelo entendimento (*diánoia*). Todavia, é a faculdade da sensibilidade que inicia este processo.

Outra informação muito pertinente em relação à sensação é que ela não pode, em hipótese alguma, ser enganosa ou falsa, e isto se deve a seu caráter central e objetivo dentro do processo cognitivo. Lucrécio, seguindo Epicuro, acertadamente em *Da Natureza*, afirma: “todavia, de

nenhum modo concedemos que se enganem os olhos [...] não se deve, portanto, atribuir aos olhos o erro que é do espírito⁹. Destarte, é na ordem do proferir que nasce o erro, ou o juízo (*krísis*) incorreto (*mèorthôs*). O “falso” (*pseýdos*) ou o “erro” (*diemarteménon*) se origina, na perspectiva de Epicuro, “mediante uma opinião” (*prosdoksizoméno*), ainda enquanto o primeiro impulso da articulação das imagens e no âmbito da *dóxa*, afirma ele: “o falso [juízo] e o erro encontram-se no que é colocado pela opinião”¹⁰.

Tal afirmação retira da estrita sensação a possibilidade do engano, isto porque, segundo Diógenes Laércio, uma sensação não pode “acrescentar” (*prostheínai*) nem “retirar” (*apheleín*) nada, ou seja, todo o desencadeamento da percepção sensível se dá de forma passiva (*pathetikós*), não podendo o juízo interferir no fato da ocorrência da sensação. Um juízo, por sua vez, só pode ser verdadeiro se, mediante a sensação, houver confirmação (*martyrion*) ou refutação (*antimartyrion*). É nesse sentido que as sensações são tidas por Epicuro como “critérios de verdade” (*kritériatêsaletheías*). Cícero entende bem a preocupação de Epicuro com o estabelecimento da sensação como critério da verdade, afirmava ele: “Epicuro temia que se uma sensação se revelasse mentirosa, nenhuma outra poderia mais ser verdadeira. E chamava os sentidos ‘núncios do verdadeiro’”¹¹. As sensações, nesta perspectiva, são onde tudo se assenta, isto é, retirando-as não restaria nada, como Cícero, sabiamente percebe: “efetivamente, se retiramos do homem os sentidos, não resta mais nada”¹².

Este é, portanto, o sentido de morte (*thánaton*) para Epicuro. A propósito escreve ele em sua *Epístola a Meneceu*: “habitua-te a pensar que a morte nada é em relação a nós”¹³. É necessário afirmar, que a morte não tem realidade concreta, ou substancial, não é apreendida de forma sensível, não podendo ser tida como conhecimento seguro e real, mas é simplesmente a perda da

subjetividade, ou seja, “a morte é a privação das sensações”¹⁴ e “estando a alma separada do corpo, não há mais sensibilidade”¹⁵. Conhecer a morte, portanto, é para Epicuro tarefa impossível, pois ele a concebe como o acontecimento que encerra a vida, e quando se a experimenta já não se é mais, e para além desse momento nada pode ser descrito, pois já não há mais a faculdade da sensibilidade. Conhecer, portanto, é descrever algo dentro dos limites da sensação.

Uma sensação, portanto, jamais pode errar (*hamartáno*), isso porque não lhe compete emitir juízos. O ajuizamento é papel do entendimento (*diánoia*) e que se externaliza por intermédio da articulação da linguagem, emitindo opiniões com base no que fora percebido pelos sentidos. Segundo Epicuro, o erro (*diemarteménon*) ocorre quando a investigação (*zetoúmenon*) tem por fundamento o que ele chama de “falsas noções” (*hypolépseispseydeís*) ou “noções vazias” (*kenón-dóxai*¹⁶) e infundadas, carentes de “projeções presentes” (*paróusasepibolé*), isto é, quando as apreensões do pensamento não passam pelos sentidos, sendo apenas expressadas pelo sujeito cognoscente sem a devida observação da evidência sensível. No entanto, uma vez que só a opinião pode incorrer em erros, e nunca uma sensação, testifica-se, para a concepção epicúrea de verdade, a necessidade da esfera da sensação. Este critério (*kritérion*), que aparece imbricado na faculdade de julgar, garante ao investigador da *phýsis*, ou ao *physiologós*, chegar ao conhecimento testificado (*epimartyría*), evitando cair em possíveis erros.

Já o entendimento, único responsável pelos ajuizamentos, também não pode emitir juízo verdadeiro sem a devida observância da atividade dos sentidos, não havendo relação de independência absoluta entre ambas as competências. Epicuro expressa claramente que o entendimento não pode operar de forma independente, isto é, “além dos corpos e do vazio nada pode ser apreendido por si mesmo ou por

analogia¹⁷, ou seja, sem a faculdade da sensibilidade. Os sentidos fornecem ao entendimento a possibilidade de se referir aos objetos, como também representá-los conceitualmente, por isso Epicuro afirma a necessidade de se conjecturar (*tekmaíresthai*) o ainda imperceptível (ádelon¹⁸), mediante os dados que são fornecidos pelas sensações. O papel da sensação é apresentar o que não pode ser contrafactado, como testemunha Sexto Empírico:

Todas as representações são verdadeiras e com razão. [...] A sensação deve limitar-se a captar o que está presente e a move, como a cor, por exemplo, ela não deve julgar se uma coisa é o objeto em certo lugar, outra o objeto em outro. Por isso as representações são todas verdadeiras.¹⁹

Por outro lado, uma sensação também não pode ser tomada como uma mera “opinião” (*dóxa*), uma vez que depende das sensações, como pensavam os naturalistas de orientação eleata. Isto porque ela não é uma simples construção do sujeito que a percebe, ou seja, uma construção meramente subjetiva que pode ser, como afirma Parmênides em relação ao caminho dos “mortais que nada sabem” (*brotoieidótesoudèn*), resultado de uma confusão entre “ser” e “não-ser”²⁰. Sua função inicial – o desprendimento somático que afeta os órgãos dos sentidos – é inteiramente desencadeada independentemente de quem a percebe, não obstante sem ela não haveria uma “completação” do processo cognitivo. Tal asserção é confirmada pelo caráter evidente que assumem as sensações: “a existência de percepções [*epaisthémata*] efetivas garante a verdade das sensações [*aisthéseonalétheian*]; pois tão efetivamente dá-se o fato de que vemos e ouvimos, como também de que sentimos dores”²¹. A sensação é, portanto, citando as palavras de Jean Brun, “um dado bruto”²² da realidade, ou seja, o que não se pode rejeitar, pois é independente do arbítrio humano. Nas palavras de Epicuro, a oposição (*máche*, na *Máxima XXIII*) a uma única

sensação leva à invalidação de todas as outras, caindo por terra toda e qualquer pretensão de estabelecimento de um “critério de juízo”:

Se recusares [*ekbaleis*] qualquer sensação sem distinguir o que se deve à opinião, e o que se espera confirmação [*epimartýresin*], o que está presente na sensação e nos sentimentos, e em qualquer projeção imaginativa do entendimento, acabará confundindo também as demais sensações com a vã opinião ao ponto de derrubar qualquer critério de juízo. Pelo contrário, se afirmas com segurança também o que for posto nas representações imaginativas e o que não há recebido confirmação, não evitarás o erro. Porque estarás guardando uma total ambigüidade em qualquer deliberação sobre o correto e o incorreto.²³

Consequentemente, verifica-se também, que não se pode extrair da mera opinião (*dóxa*) nenhum critério de verdade, embora deva necessariamente passar pelas esferas da sensibilidade e do entendimento, a verdade é única e sempre “em referência a nós” (*pròshêmas*), não no sentido “imaginativo”, nem muito menos num sentido “inatista” ou puramente racional, mas sim, senso-discursivo, isto é, “a da coisa referida pelo enunciado”²⁴ como pensada por Parmênides: “É necessário dizer e pensar que o que é, é”²⁵. É isso, portanto, que afirma Diógenes Laércio: “Se [a opinião] é confirmada por outros testemunhos e não resulta contraditada por nenhuma outra é verdadeira. Pois se não é confirmada por testemunhos e é contraditada, resulta falsa”²⁶.

A faculdade da sensibilidade, ao mesmo tempo em que é objetiva – como já fora descrita acima, isto é, busca fornecer certezas por vias da confirmação dos sentidos – ela é também passiva (*pathetikós*), isto é, sofre a ação do mundo. O fato de que a sensação, num primeiro momento, se origina a partir de algo externo, “vindo de fora” (*éksothen*)²⁷, revela o caráter de passividade, ou seja, “uma sensação não se desencadeia por si”²⁸, “pois nem se move por si mesma nem, movida por outro, é capaz de colocar ou retirar nada”²⁹.

Esse caráter de passividade da faculdade da sensibilidade leva Epicuro à afirmação de que “nada pode refutá-la”³⁰. Lucrécio ratifica essa afirmação: “descobrir-se-á que é pelos sentidos que primeiro se revela a nós o sinal da verdade e que os sentidos não se podem refutar [...] Ora, que pode merecer maior fé do que os sentidos”³¹. Diógenes Laércio ainda acrescenta: “nenhuma sensação de certa classe refuta outra da mesma classe, por serem equivalentes” nem sensações de classes diferentes se refutam, pois as mesmas não se referem “aos mesmos objetos”³², em outras palavras, o olho não pode negar (no sentido de opinar, emitir um juízo) o que se lhe apresenta à visão, seria um absurdo, na perspectiva epicúrea, negar tal evidência, como também, o paladar não pode refutar o que se percebe pela visão, por ser o paladar de uma classe de sensação diferente da visão. Em uma palavra, cada órgão do sentido responde por um processo perceptivo:

Efetivamente, o poder está dividido entre todos e tem cada um a sua força; torna-se, portanto, necessário que haja um sentido próprio para o que é mole, outro para o que é gélido e fervente, e que outros sintam as várias cores dos corpos e vejam tudo aquilo que se relaciona com as cores [...] é, portanto, de concluir que não podem os sentidos corrigirem-se uns aos outros; não poderão também ter mais verdade um que outro, visto que os devemos considerar dignos de fé a todos iguais. Por conseguinte, é verdadeira toda sensação que eles têm em qualquer momento³³.

Se a sensação não podem refutar a si mesma (*autós*), devido a seu caráter evidente (*enárgema*), tampouco a razão (*oúdemènlógos*)³⁴ pode refutar (*díelégksai*) a sensação, por causa de sua dependência ao que é concedido pelos órgãos dos sentidos, logo, “se eles [os sentidos] não são verdadeiros, também a razão se torna inteiramente falsa”³⁵. Esta afirmação de Lucrécio demonstra claramente a importância da sensação na obra de Epicuro, e como ele pensa o entendimento

inteiramente dependente (*értetai*) das sensações, “posto que todo raciocínio [*lógos*] é enunciado a partir das sensações”³⁶. A sensação se apresenta como um processo “irracional” (*álogon*)³⁷ pertencente à faculdade da sensibilidade, já que não é de sua alçada justificar (*lógos*) seus fundamentos, por essa razão a sensação pertence necessariamente “a um domínio anterior ao da razão” (BRUN, 1987, p. 44).

Destarte, ao que se refere à natureza da sensação na tradição grega, pode se dizer, até certo sentido, que Epicuro se mantém de acordo com Platão em relação ao processo de conhecimento. Para Platão “a alma se serve do corpo” para se relacionar com os particulares (*hékastos*), e afirma: “a única função do corpo é perceber os objetos pelos sentidos”³⁸. A afirmação de que a faculdade da sensibilidade é a estrutura que torna possível a relação com os particulares, também aproxima Epicuro do pensamento de Aristóteles. No tocante a Aristóteles, ele afirma no início do livro *A da Metafísica* que “a experiência é o conhecimento dos particulares, enquanto a arte é o conhecimento dos universais [*kathólou*]”³⁹, e que tanto o homem quanto os animais compartilham da faculdade da sensibilidade, enquanto os animais se contentam com “imagens sensíveis” (*phantasíai*) e com as “recordações” (*mnématis*), unicamente ao homem, que ama as sensações (*aísthéseonagápesis*), pertencem a técnica e os raciocínios (*téchnekailogismoí*). Afirma Aristóteles:

ademais, consideramos que nenhuma das sensações seja sapiência. De fato, se as sensações são, por excelência, os instrumentos de conhecimento dos particulares, entretanto, não nos dizem o porquê de nada: não dizem, por exemplo, por que o fogo é quente, apenas assinalam o fato de ele ser quente.⁴⁰

Tanto a objetividade como a passividade da sensação, inerentes ao processo de conhecimento como um todo, são intrínsecas e constituintes necessárias da gnosiologia epicúrea. A primeira diz respeito à sensação (*aísthesis*) enquanto o ato

de sentir e a segunda a uma estrutura sensitiva, ou seja, à *faculdade da sensibilidade*. Esta estrutura sensitiva, por sua vez, está intimamente ligada ao “todo” (*tòpán*), isto é, a um mundo exterior infinito em sua constituição de corpos e vazio – pois “o todo é corpo”⁴¹ – em constante transformação e que se faz percebido pelo movimento dos átomos; e a um sujeito, dotado de uma *dýnamis* cognitiva que percebe e entende. Nas palavras de Paul Nizan: “Epicuro teve a intuição do mecanismo da percepção, produzida pela ação de um mundo exterior, ativo [...] o princípio é válido e garante a objetividade do conhecimento”⁴².

III

Epicuro faz referência a uma teoria da imagem (ou da percepção) nos passos 46 a 53 da *Epístola a Heródoto*. Ele define uma “imagem” (*eídolon*) como uma “réplica” de um corpo composto e constituída de forma idêntica [*homioischémones*] a dos [corpos] sólidos⁴³ que elas representam. As *imagens*, para a gnosiologia epicúrea constituem-se como ato e resultado diretos das percepções sensíveis, e isto se dá mediante choques (*sugkroúseos*⁴⁴) ou contatos. Ele assim se expressa claramente: “essa percepção não poderia realmente verificar-se sem a emissão daquele complexo constante e concorde de propriedades do objeto até nós”⁴⁵. A unidade do *todo* (*tòpán*) enquanto o conjunto de “corpos e vazio” (*sómatakaikenón*)⁴⁶ é a condição fundamental para que algo seja conhecido. Os corpos (*sóma*) irradiam constantemente réplicas de si mesmos fornecendo as condições necessárias tanto para as *projeções* (*epibolé*), a partir dos corpos, como também para as *antecipações* (*prolépseis*⁴⁷), do entendimento, das imagens. Nas palavras de Lucrecio: “são eles [os simulacros (*eídolon*)] como películas arrancadas da superfície dos objetos e que voejam de um lado a outro pelos ares; indo ao nosso encontro quando estamos acordados”⁴⁸.

As *imagens* são as responsáveis diretas pela obtenção do conhecimento, e encontram no vazio (*kenón*), ou seja, na “natureza intangível” (*anaphèphýsin*), o que condiciona o “voejar” dos átomos até sua “impressão” (*týpos*) nos sentidos. Estas imagens desprendem-se dos corpos compostos mediante o processo de vibração (*apopalmós*) próprio dos “conglomerados” (*athróisma*) de átomos. Devido esta vibração estas réplicas dos objetos são projetadas por longas distâncias e reproduzem figurativamente suas cavidades (*koilomáton*) e suas superfícies (*leptotéton*), “replicando” os entes percebidos (*aisthetá*) conservando “o conjunto das características do objeto”⁴⁹, como uma estrutura atômica objetiva, constituída por átomo diferenciados, finos (*leptótesin*). Escreve Epicuro:

existem imagens da mesma forma que os [corpos] sólidos, mas que pela sua sutileza [*leptótesin*], se afastam grandemente dos corpos aparentes [*phainoménon*]. Porque os objetos são capazes de produzir em seu espaço envoltentes emanações e figurações de tal classe que produzam suas cavidades e suas superfícies.⁵⁰

Deve-se notar, a princípio, que Epicuro ao descrever o processo de “formação das imagens” (*gênesis tàeidola*), já no início de sua narrativa sobre o tema, nos versos já mencionados (46-53), compara a velocidade da formação das imagens com a velocidade do próprio pensamento (*noémati*). Ele argumenta também que tal velocidade (*táchos*) se explica pela natureza da composição das imagens – compostas de átomos finíssimos (*leptótesin*) – e pela “não resistência” (*oukantikopé*) a seu movimento infinito, ou seja, o espaço não oferece resistência às imagens. O que Epicuro afirma é que o constante fluir (*reúsis*) das réplicas, provenientes dos corpos sólidos (*steremníois*), não encontrando resistência alguma durante o percurso pelo espaço, acabam por golpear (*týptein*) a faculdade da sensibilidade, sem perder a estrutura figurativa desses corpos compostos

(*atróisma*), dos quais desprendem-se as réplicas, desencadeando as representações intelectivas. Este princípio de emanção somática não é novidade da gnosiologia epicúrea, mas já se encontra no pensamento dos pluralistas Empédocles e Demócrito, pois é verdade que “em Demócrito, quanto à forma, a emanção é igual às coisas”⁵¹.

Também para Empédocles, segundo um testemunho de Plutarco, “as imagens [*eídola*] através dos poros [*póron*] penetram profundamente os corpos”⁵², ou seja, cada órgão dos sentidos possui capacidades específicas de percepção para apreender o mundo, e são constituídos – assim como também sustentam os atomistas – de ‘passagens’ que operam em perfeita simetria com o que é ‘emanado’ dos corpos externos, isto é, “dos utensílios, das vestimentas, das plantas, mas, sobretudo dos seres vivos”⁵³, o que leva a pensar que cada poro tem uma dimensão própria para cada imagem emanada. Logo, pode-se concluir que cada sentido dá conta de um ‘processo receptivo’ particular. Estas passagens constituem-se de diversos tamanhos, e como pensa A. Laks: “sendo as orelhas e as narinas suas instancias mais óbvias”⁵⁴. Estes poros são simétricos em relação às impressões (*typoústhai*) que as penetram proporcionando percepção.

Essas películas se desprendem a partir da superfície do objeto (*hypokeiménon*) mediante o processo de vibração (*pláseos*⁵⁵), no interior desses objetos, provocado pela constante movimentação dos átomos. Essa vibração expelle as imagens, e estas são a causa das impressões (*týpoi*). Epicuro afirma ainda, que essas emanções somáticas conservam “a mesma disposição e a mesma sequência dos átomos dos corpos sólidos, dos quais provêm”⁵⁶. Vale salientar, corroborando o princípio da teoria atômica, que “o todo é corpo”⁵⁷, e que esse é um processo físico onde os corpos perdem e repõem constantemente “consistência”⁵⁸ (*sýstasis*) ou “matéria”, isto é, alternam os átomos da superfície (*pláseos*) dos corpos. Assim sendo, devido à velocidade

dos átomos no vazio, os sentidos são incapazes de perceber (*ouképidelos*) esta perda de “matéria”, porque a mesma é sempre repostada sobre o *hypokeiménon*. A velocidade desse processo conserva o corpo tal como ele é em sua figurabilidade estética:

Assim, que por tal motivo preservam a aparência de unidade e continuidade, e conserva o conjunto de características dos objetos emissores, de acordo com o impacto medido de seu impulso, procedente da vibração interna que tinham os átomos no objeto sólido. Portanto, a imagem que captamos projetivamente com o entendimento ou por meio dos órgãos sensíveis, tanto da forma como de outros acidentes, é a forma mesma dos corpos sólidos, surgida de seu volume de conjunto ou também de algum resto de simulacro.⁵⁹

Tanto Epicuro como Lucrécio chamam atenção para o teor do tema das imagens em suas obras. Para os incapazes de “examinar com precisão cada um dos tratados mais longos”⁶⁰, devido à complexidade e extensão de sua obra, é que Epicuro escreve a Heródoto sua pequena *missiva*, e o que escreve são apenas resumos de uma obra intitulada *Das Imagens (PeriEidólon)*; já Lucrécio, entendendo ser “um tema obscuro”⁶¹ o que é narrado no Livro IV, *Da Natureza*, expõe suas ideias concernentes à produção das imagens, de forma mais argumentativa, pois não tinha pretensões de escrever resumos. Sua palavras, como ele mesmo afirma, foram “ungidas, por assim dizer, do doce mel das Musas”⁶², ou seja, numa descrição poética⁶³ ao modelo greco-romano. Assim, na compreensão de Lucrécio, ao mesmo tempo em que o leitor se encanta com a métrica dos versos, compreende, também, essa doutrina de sublime importância e alta complexidade.

A natureza das imagens difere qualitativamente da natureza dos corpos compostos, embora dispondo da “mesma forma” (*homoioschémones*): “portanto, existem imagens da mesma forma dos corpos sólidos, mas que se distinguem

muito dos corpos aparentes por sua sutileza”⁶⁴. Esta diferenciação, explica-se mediante o tipo de átomo que compõe as imagens. Os simulacros (*eídola*) são designados por Epicuro como finíssimos (*leptótesin*)⁶⁵, mas mantendo ainda suas três propriedades necessárias, a saber: a grandeza, a forma e o peso. Lucrécio também fala sobre a natureza das réplicas: “agora, aprende quão tênue é a substância de cada imagem, porque os elementos estão tão baixo dos nossos sentidos e são tão mais pequenos (sic) do que os objetos que os nossos olhos começam a não poder distinguir”⁶⁶.

A afirmação de que os átomos vibram no interior dos corpos agregados, ou corpos “sólidos” (*steremníou*)⁶⁷ e produzem os desprendimentos somáticos ou os arquétipos dos corpos compostos, explica a emanção destas réplicas dos corpos aparentes (*phainoménon*) que golpeiam a faculdade da sensibilidade numa velocidade e lapso de tempo inapreensível (*aperinoétochrónos*) para o pensamento, “no entanto, o movimento [das réplicas] que se realiza no vazio sem nenhum choque com impulso contrário (*apokatástasis*), leva-as a percorrer qualquer distância em uma duração incompreensível”⁶⁸. É a partir deste processo físico de sucessão ininterrupta das réplicas e de propagação das mesmas até os órgãos da percepção, que se dá o processo de formação figurativa das imagens na mente humana, isto é, esta representação imagética (*phantásma*) que na teoria epicúrea do conhecimento constitui o dado por excelência do conhecimento. O perpassar da percepção e o estabelecimento do conceitual vêm de par com a completude do processo acima descrito.

IV

Ater-se às sensações como um critério seguro para o conhecimento, como também aos demais critérios, as *antecipações* e as *afecções*, é antes de tudo, para Epicuro, viver de modo sábio

e prudente, consciente do que “devemos escolher e o que devemos rejeitar”⁶⁹, ou seja, é agir por meio de uma sabedoria prática (*phrónesis*). A preocupação com a natureza dos sentidos é, segundo Epicuro, própria do sábio (*sophón*), pois conhecer a *phýsis* e viver em conformidade com ela livra a alma de diversas perturbações, como o “medo da morte” (*dediénaitònthánton*)⁷⁰, a infelicidade, a solidão e outros. Ora, as questões concernentes à sensibilidade estão intrinsecamente relacionadas com a alma – o maior patrimônio do homem – ao ponto de Epicuro afirmar: “a causa principal da sensibilidade reside na alma”⁷¹, e também Lucrécio diz: “a sensibilidade é obra da alma”⁷².

Neste sentido, além de ser fonte de conhecimento, a sensibilidade é também a causa da “tranquilidade da alma” (*ataraxía*), do estado de imperturbabilidade plena, isto é, devido ao conhecimento da realidade empírica e dos fenômenos naturais (*phainômenon*) o sábio afasta-se de tudo que atormenta a sua alma e pode assim manter a “saúde da alma” (*psychèshugiánon*), para, com isso, livrar-se dos receios em relação aos fenômenos celestes (*tàmeteóra*) e das falsas noções (*hypolépseispseydeís*) sobre os deuses. Como consequência de todo esse conhecimento prático, não temer a morte, sobretudo, é compreendê-la como fim de uma “vida feliz” (*makaríoszên*), ou seja, entendendo que ela nada é para nós, pois é resultado de uma decomposição dos átomos, como expressa o próprio Epicuro: “Com efeito, aquilo que está decomposto é insensível, e a insensibilidade é o nada para nós”⁷³.

Por fim, a epistemologia *sensista*⁷⁴ de Epicuro, desenvolve explicações e conhecimentos humanos pautados em suas possibilidades, não havendo, portanto, que recorrer à “natureza divina” (*theíaphýsis*) para explicar, por exemplo, as causas dos fenômenos naturais e sociais⁷⁵. A ‘investigação científica’, em vista da própria ciência, nunca foi o intuito de Epicuro⁷⁶, mas,

o “fim último” (*télos*) que ele deseja alcançar, mediante a investigação da natureza (*physiologia*), é de uma “vida feliz” sob a égide do prazer (*hedonén*) e, conseqüentemente, da rejeição da dor (*algedóna*), portanto, ele é categórico em afirmar que “é por essa razão que afirmamos que o prazer é o início e o fim de uma vida feliz”⁷⁷.

O papel da sensibilidade, portanto, neste processo, é amarrar o conhecimento não o permitindo alçar voos para além dos limites do conhecimento possível, isto é, a própria sensibilidade. O “conhecimento relativo às coisas do alto” (*têsperimeteôrongnôseos*), desenvolvido de forma central na *Epístola a Meneceu*, é o maior

exemplo disso, pois também toma como fundamento o que pode ser observado pelos sentidos, ou seja, o que diz respeito aos ciclones, trovões, raios ou terremotos, por exemplo, tem explicações naturais, embora nem sempre simples, podendo haver diversas explicações para um único fenômeno por oferecerem graus de dificuldades maiores, pois “aditem não somente causas múltiplas de sua formação, mas também uma determinação múltipla de sua essência em harmonia com as sensações”⁷⁸. Ou seja, sempre humana e nunca causas divinas que demonstrem iras ou bondades divinas.

■ CoNTextura

NOTAS

1. Doutorando em filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. E-mail: marcos damasioufc@gmail.com.
2. O texto da *Epístola a Heródoto*, como também a tradução, que utilizamos nesta pesquisa é a de Jean Bollack em: EPICURO. *Lettre à Hérodote*. In: “La lettre d’Épicure”. Tr.: BOLLACK, Jean; BOLLACK, Mayotte; WISMANN, Heinz. Les Éditions Minuit: Paris, 1971.
3. A proposta da *Epístola a Heródoto*, portanto, é fornecer, aos “incapazes” (*μηδυναμένοις*) de estudar de forma aprofundada seus escritos que versam “Sobre a Natureza” (*περιφύσεως*), uma visão do todo (*ἄθροας ἐπιβολῆς*) e não das particularidades, μέρος. Cf: LAËRTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução: KURY, Mário da Gama. Brasília: Editora UnB, 1988. (Doravante abreviado para DL, X, quando se tratar das opiniões de Diógenes Laércio; DL, X, EHe, para a *Epístola a Heródoto*; DL, X, EPI, para a *Epístola a Pítocles*; DL, X, EMe, para *Epístola a Meneceu*; DL, X, MC, para as *Máximas Capitais*).
4. Além da *sensação*, Diógenes Laércio também considera como “critérios da verdade”, para Epicuro, as *antecipações* e as *afecções*: “κριτήρια τῆς ἀληθείας εἶναι τὰς αἰσθήσεις καὶ προλήψεις καὶ τὰ πάθη”. (DL, X, §31). Já os discípulos de Epicuro acrescentam “as representações intuitivas do pensamento”, “τὰς φανταστικὰς ἐπιβολὰς τῆς διανοίας” (Tradução levemente modificada).
5. DL, X, (EHe), §38.
6. “πᾶσα γὰρ, φησὶν, αἴσθησις ἄλογός ἐστι καὶ μνήμησούδε μιᾶς δεκτικῆ” (DL, X, §31), tradução levemente modificada).
7. DL, X, (MC), §146, XXIII. (itálico nosso).
8. É nessa relação sujeito-objeto que se torna possível o contato dos corpos. O som, a título de exemplo, nasce do impacto (*páthos*) entre o órgão auditivo do sujeito e as partículas, como nos diz Diógenes, “o ouvir principia por uma corrente de ar [*pneúmatos*] que se desprende a partir daquilo que emite a voz, ou o som”, isto é, a partir do próprio objeto, até alcançar ao ouvido, onde se produz a impressão auditiva (DL, X, (EHe), §52).

9. LUCRECIO, *Da Natureza*, IV, 380-386. (doravante abreviado para DRN “*De Rerum Natura*”).
10. “τὸ δὲ ψευδὸς καὶ τὸ διημαρτημένον ἐν τῷ προσδοξαζομένῳ ἀειέστιν” (DL, X, (EHe), §50, tradução levemente modificada).
11. CÍCERO, *Nat. deor.*, I, 25, 70
12. CÍCERO, *De finibus*, I, 30 “*Etenim quoniam detractis de hominesensibus reliquinihil est*”.
13. DL, X, (EMe), §124.
14. DL, X, (EMe), §124.
15. DL, X, (EHe), §63-64.
16. Isto é, operações desnecessárias da ψυχή e retiradas de valores não naturais, ou seja, que não levam em conta o critério da sensação. Daí a importância da *Canônica* epicuréia para estabelecer critérios válidos para essas operações.
17. DL, X, (EHe), §40.
18. Diz-se do ἄδηλον, sobretudo o átomo e o *vazio*, ou seja, o que é “impenetrável”, o que está fora da confirmação (μαρτύριον) pelos sentidos, mas que é inferido por analogia ao visível.
19. SEXTO EMPÍRICO, *Contra os Matemáticos*, VII, 203-210.
20. Cf.: DK 28 B6.
21. DL, X, §32.
22. BRUN, Jean. *O Epicurismo*. p. 44.
23. DL, X, (MC), §147, XXIV.
24. SPINELLI, Miguel. *Epicuro e as bases do epicurismo*. p. 185.
25. DK 28 B6.1 “*χρητὸ λέγειν τὸ νοεῖν τ’ ἐὸν ἔμμεναι· ἔστι γὰρ εἶναι*”. (tradução nossa).
26. DL, X, §34.
27. DL, X, (EHe), §49.
28. BRUN, Jean. *O Epicurismo*. p. 45.
29. DL, X, §31.
30. DL, X, §32 “*οὐδὲ ἔστι τὸ δυνάμενον αὐτὰς διελέγξαι*”.
31. DRN, IV, 479-480.
32. DL, X, §32.
33. DRN, IV, 490-498. Conferir os argumentos de Lucrécio no livro IV, onde ele trata exclusivamente das percepções e das imagens.
34. λόγος é o termo empregado por Diógenes Laércio no Livro X, já Epicuro usa *διάνοια* *Epístola a Heródoto*.
35. DRN, IV, 485-486.

36. DL, X, §32.
37. O ἄλογον diz respeito ao “não discursivo”, e nunca ao “absurdo” ou o “incompreensível”.
38. PLATÃO. *Fédon*. 79 c.
39. ARISTOTELES. *Metafísica*. A 1. 981a 16-17. “ αἴτιον δὲ ὅτι ἢ μὲν ἐμπειρία τῶν καθ’ ἕκαστόν ἐστι γινῶσις ἢ δὲ τεχνῆτων καθόλου”.
40. ARISTOTELES. *Metafísica*. 981b 10-15.
41. “τὸ πᾶν ἐστι <σώματα καὶ κενόν>·σώματα” (DL, X, (EHe), §39). O “corpo” aqui deve ser entendido como o “elemento simples”, isto é o átomo, o corpo primário que compõe os corpos compostos, como aparece na *Epístola a Pítocles*, no §86: τὸ πᾶν σώματα καὶ ἀναφῆς φύσις ἐστίν, “o todo é corpos e natureza intangível” (H. S. Long, Oxford 1964).
42. NIZAN, Paul. *Os Materialistas da Antiguidade*. p.105.
43. DL, X, (EHe), §46.
44. Epicuro utiliza três termos na *Epístola a Heródoto* para se referir a esse impacto dos átomos, a saber: πάθη, “impacto”, συγκρούσεως, “choque” e ἀντικοπέ, “resistência”.
45. DL, X, (EHe), §53.
46. A expressão “σώματα καὶ κενόν” não aparece no texto grego nem na tradução de Jean Bollack “La lettre d’Épicure” que consultamos nessa pesquisa, mas é preservada no texto grego da edição de H. S. Long, Oxford 1964.
47. As antecipações (*prolēpseis*) são o “terceiro critério de verdade”. é um neologismo introduzido no pensamento filosófico por Epicuro, (e conseqüentemente na cultura e na língua grega) e caracteriza um conceito central em sua gnosiologia. As *prolēpseis* garantem a passagem da sensibilidade ao entendimento, legitimando a capacidade de se armazenar as experiências passadas na *psyché*. São descritas por Epicuro como: “compreensão imediata” (*katálepsin*), “opinião correta” (*dóxanorthèn*) e “conceito” (énnoian) ou “ideia universal” (*katholikènnóesin*).
48. DRN.IV, 35-36.
49. DL, X, (EHe), §50.
50. DL, X, (EHe), §46.
51. DK 68 B 123. “Παρά δὲ Δημοκρίτῳ κατ’ εἶδος ὁμοία τοῖς πράγμασιν ἀπόρροια.”
52. DK 68 A77; PLUTARCH., *quaest. conv.* VIII, 10, 2; p. 734f.: Ἐγκαταβυσσοῦσθαι τὰ εἶδωλα διατῶν πόρων εἰς τὰ σώματα.
53. DK 68 A72.
54. LAKS, André, *Alma, sensação e pensamento* in: LONG, A. A., *Primórdios da filosofia grega*. p. 340.
55. DL, X (EHe), §50: πλάσεως na edição do texto grego do Bollack ἐπάλλσεως na edição de Long. (vide bibliografia)
56. DL, X, (EHe), §46.
57. “τὸ πᾶν ἐστι·σώματα” (DL, X, (EHe), §39).

58. O conceito de σύστασις não diz respeito ao ὑσίανος moldes aristotélico, mas sim “agrupamento”, “confluência”, “consistência”. O termo epicúreo correlato ao ὑσία é φύσις, o qual faz referência àquilo que é, ou seja, o ser existente e essencial.
59. DL, X, (EHe), §50.
60. DL, X, (EHe), §35.
61. DRN. IV, 7.
62. DRN,IV, 21-22.
63. Ambos os autores dispõem de métodos para transmissão de suas doutrinas. Epicuro recorre a um “compêndio de toda a doutrina” (ἐπιτομήν τῆς ὅλης πραγματείας), ou seja, um resumo em formato epistolar, já Lucrécio recorre à “graça das Musas”, isto é, ao método poético.
64. “Καὶ μὴν καὶ τύποι ὁμοιοσχίμονες τοῖς στερεμνίοις εἰσί” (DL, X,(EHe), §46, tradução levemente modificada)
65. λεπτότησιν δὲ λεπτότης, “finura”, “delicadeza”, “sutileza”.
66. DRN, livro IV, 110-115.
67. DL, X (EHe), §50: “ἐν τῷ στερεμνίω τῶν ἀτόμων πάλλσεως”.
68. ἀπερινοήτω traduzido por Bollack por “l’apensée n’embrasse pas”, ou seja, aquilo que “o pensamento não pode abraçar”. Diz-se do que está fora do alcance do entendimento (DL, X,(EHe), §46).
69. DL. X, (EMe), §117.
70. DL, X, (MC), XI, §142: “Se nunca estivéssemos perturbados pelo temor dos fenômenos celestes e da morte, imaginando que esta pudesse afetar-nos, e se não desconhecemos os limites próprios às dores e aos desejos, não teríamos necessidade de estudar a natural” [Εἰμηθὲν ἡμᾶς αἰ τῶν μετεώρων ὑποψία ἠνώχλων καὶ αἰ περὶ θανάτου, μὴ ποτε πρὸς ἡμᾶς ἦ τι, ἔτι τε τὸ μὴ κατανοεῖν τοὺς ὄρους τῶν ἀλγηδόνων καὶ τῶν ἐπιθυμιῶν, οὐκ ἂν προσεδεόμεθα φυσιολογίας]. Tradução de João Quartim de Moraes.
71. DL, X, (EHe), §§63-64.
72. DRN, IV, 921.
73. DL, X, (MC), §139, II; corrobora também : DL, X, (EMe), §124. Citação do texto grego baseado na edição de ARRIGHETTI, Graziano, *Epicuro. Opere*, Torino, 1973.
74. O termo “sensista” não caracteriza nem intenta reduzir a filosofia de Epicuro a um mero empirismo, mas sim, caracteriza-a como uma filosofia que parte da sensibilidade como critério fundante para sua gnosiologia.
75. Tanto a *Epistola a Meneceu*, como as *Máximas Capitais* e as *Sentenças Vaticanas*, são escritos direcionados para a vida social, tratam de temas como manter as amizades, o amor à riqueza, o cuidado dos filhos, o matrimônio, os desejos e prazeres, a vida prazerosa, a relação com as divindades e tantos outros ensinamentos práticos.
76. Spinelli explicita bem essa afirmação quando diz que “os detalhes da ciência são importantes, mas não prioritários [...] o que mais importa é a pacificação de quem explica e de quem se vale da explicação”. SPINELLI, Miguel. *Epicuro e as bases do epicurismo*. p. 101.
77. DL, X, (EMe), 128. καὶ δια τοῦ τοτὴν ἡδονὴν ἀρχὴν καὶ τέλος λέγομεν εἶναι τοῦ μακαρίως ζῆν.

78. DL, X, (Epi), 86. Em relação, por exemplo, a descrição do tamanho dos astros no parágrafo 91, Epicuro admite diferentes explicações possíveis, esquivando-se de uma possível explicação dogmática, assim ele escreve: “mas o tamanho em si na realidade pode ser *maior* que aquele que vemos, ou um *pouco menor*, ou *igual*” (itálicos nosso).

REFERÊNCIAS

- ARISTOTELES. **Metafísica**. Tradução REALE, Giovanni. Tradução para o português de PERINE, Marcelo. Edições Loyola, 2002.
- ARRIGHETTI, Graziano, **Epicuro, Opere. Introduzione, testo critico, traduzione e note** (Classidella Filosofia, IV), Turin, Einaudi, 1960. 2nd ed., 1973.
- BIGNONE, Ettore. **Epicuro: opere, fragmenti, testimonianze sulla sua vita**, Bari: Gius. Laterza & Figli. 1920.
- BOYANCÉ, Pierre. **Lucrece et l'épicurisme**. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.
- BRUN, Jean. **O Epicurismo**. Tradução: PACHECO, Rui, Edições 70: Lisboa. 1987.
- CÍCERO, Marco Túlio. **Do sumo bem e do sumo mal** (De finibus bonorum et malorum). Tradução: NOUGUÉ, Carlos Ancède. São Paulo: Martins Fontes. 2005.
- CÍCERO, Marco Túlio. **Sobre o Destino** (bilingüe). Tradução e Notas: FILHO, José Rodrigues Seabra. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.
- DELATTRE, Daniel; PIGEAUD, Jackie (dir.), **Les Épicuriens**. Paris: Gallimard, 2010, (Bibliothèque de la Pléiade), n.º. 564, 1552 p.
- DIELS, H; KRANZ, W. **Die Fragmente der Vorsokratiker** 6th ed. Berlin: Weidmann, 1951.
- ÉPICURE. **Lettres, maximes et sentences**. Tradução: BALAUDÉ, Jean-François. Paris: Le Livre de Poche, 1994.
- EPICURO. **Epistola a Erodoto**. Introdução de E. Spinelli, tradução e comentários de F. Verde, Carocci, Roma 2010.
- EPICURO. **Lettre à Hérodote**. In: “La lettre d'Épicure”. Tr.: BOLLACK, Jean; BOLLACK, Mayotte; WISMANN, Heinz. Les Éditions Minuit: Paris, 1971.
- EPICURO: **Máximas Principais**. Texto, tradução, introdução e notas: MORAES, João Quartim de. São Paulo: Edições Loyola, 2010. (Coleção Clássicos da Filosofia).
- FARRINGTON, Benjamin. **A doutrina de Epicuro**. Tradução: JORGE, Edmond. Zahar Editores: Rio de Janeiro. 1968.
- FIGUEIRA, Markus, da Silva. **Epicuro: sabedoria e jardim**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2003.
- GIGANDET, Alain e MOREL, Pierre-Marie (Orgs). **Ler Epicuro e os Epicuristas**. Tradução: BINI, Edson. Edições Loyola: São Paulo. 2009.
- GUAL, Carlos García. **Epicuro**. Alianza Editorial: Madrid. 2002.
- ISIDRO, Pereira, S. J. **Dicionário Grego-Português e Português-Grego**. 8 ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa. 1998.

- LAËRTIOS, Diôgenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Tradução: KURY, Mário da Gama. Brasília: Editora UnB, 1988.
- LONG, A. A. (Org), **Primórdios da filosofia grega**. Tradução: FERREIRA, Paulo. Aparecida, SP: Idéias e Letras. 2008.
- LUCRÉCIO. **Da Natureza**, In: Coleção os Pensadores, Tradução e notas de Agostinho da Silva. **Epicuro, Lucrecio, Cícero, Sêneca, M. Aurélio**. 1ª Edição. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- NIZAN, Paul. **Os Materialistas da Antiguidade**. Tradução: ALVES, Maria Helena Barreiro. Lisboa: Editora Estampa. 2ª. ed. 1977. p.
- PESCE, Domenico. **Introduzione a Epicuro**. Editori Laterza: Bari. 1981.
- PESCE, Dominico. **Saggiosu Epicuro**. Bari: Laterza. 1974.
- PLATÃO, **Diálogos III: Fedro, Eutífron, Apologia de Sócrates, Críton, Fédon**. Tradução, textos complementares e notas: BINI, Edson. São Paulo: EDIPRO. 1 Ed. 2008.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga III: Os sistemas da era helenística**. Tradução: PERINE, Marcelo. São Paulo: Loyola, 4ª ed. v. 3. 1994.
- RIST, J. M. **Epicurus: an introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1972.
- RÚA, José Luiz García. **El sentido de lanaturaleza en Epicuro: Algunos aspectos del discurso físico epicúreo**. Granada: Editora Comares, 1996. 245 p.
- SPINELLI, Miguel. **Epicuro e as bases do epicurismo**. 1ª ed. São Paulo: Editora Paulos. 2013.
- SPINELLI, Miguel. **Os Caminhos de Epicuro**. São Paulo: Edições Loyola. 2009.
- USENER, Hermann. **Epicurea**. Leipzig: Teubneri. 1887.
- ΛΑΕΡΤΙΟΣ, Διογένης. Βίοι καὶ γινώμαι τῶν ἐν φιλοσοφίᾳ εὐδοκμησάντων (Βιβλίον Ι) (ed. H S Long, Oxford 1964). [online] Disponível na Internet via: <<http://www.mikrosapoplous.gr/dl/dl.html>. 2016>.